

A HETEROTOPIA EM BLADE RUNNER (2049) NO MOVIMENTO ARQUEGENEALÓGICO

Gian Carlos Galhardo¹

Bruna Neves Pellegrini²

Resumo

Este artigo tece uma análise da trajetória dos replicantes de *Blade Runner (2049)* pelas tramas da relação entre o sujeito, o saber e o poder segundo três momentos históricos da obra de Michel Foucault: a arqueologia, preocupada com o conjunto de enunciados que mediam a teoria e a experiência de uma certa época; a genealogia, voltada a analisar os dispositivos políticos que afetam a dinâmica social; e a prática de cuidado de si, configurada pela busca de se instaurar novos espaços, novas heterotopias de criação da própria existência.

Palavras-chave: ficção científica, arqueologia; genealogia; heterotopia.

1. Introdução

No capitalismo pós-segunda guerra mundial, novas tecnologias emergem nos âmbitos das engenharias genética e da comunicação, enfatizando as máquinas e os mercados como figurinos de constituição da vida (HARAWAY, 1991, p. 58). As massas foram submetidas a uma lógica de controle sustentada pelo fluxo de informação descrito em termos de gestão de população, de ergonomia nas organizações, de manipulação genética, de reajustes em sistemas etc. (ibid.). Como decorrência, especialmente a partir da década de 1960, surgiram várias literaturas distópicas de ficção científica voltadas à denúncia do “não-lugar” que as tecnologias pudessem proporcionar à humanidade, e esta estaria cada vez mais subjetivada em uma sociedade desajustada, defeituosa, desestruturada (AZAMBUJA; PERRI, 2018).

¹ Graduando no Centro Universitário Metropolitano de Maringá – UNIFAMMA e participante do Programa de Iniciação científica em 2021.

² Docente e orientadora do Projeto de Iniciação científica.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

Para Michel Foucault (1986), em *Microfísica do poder*, as redes de dispositivos e seus mecanismos se espalham por toda a estrutura social, constituindo um biopoder que opera em cadeias e em constantes movimentos. E as dinâmicas de poder não ocorrem somente de forma repressiva, mas também operam por jogos de saber e verdade que definem como os objetos devem aparecer e serem percebidos tanto pela comunidade científica quanto pelas pessoas comuns. Ainda, em *Vigiar e Punir* (1987), o autor argumenta que os mais diversos aparatos móveis de informação e de computação cumprem um papel elaborado de tecer novas “tecnologias de si” na medida em que a subjetividade sempre se compõe em meio a um tecido social amparado em modos sutis de modelação dos corpos e das mentes, os quais se legitimam pelos discursos da *episteme* das mídias.

Tais perspectivas do pensamento foucaultiano se articulam com o pensamento de Donna Haraway (2000) em seu “Manifesto ciborgue”, no qual ela defende as subjetividades estarem imersas na informática da dominação, isto é, em um mundo de circuitos integrados dominados pelo patriarcado e por um sistema racista. De acordo com esta autora, os ciborgues são híbridos “de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2000, p. 33), cuja gênese ocorre pela quebra de três barreiras cruciais: entre o natural e o artificial, entre o humano e o animal, e entre o material e o imaterial. Noutras palavras, não se pode pensar mais numa subjetividade fragmentada; as corporeidades e as mentes se integram aos mais diversos circuitos de um mundo pós-cibernético, em que se tornou possível armazenar fotografias no DNA, infectar genomas com *malwares*, programar nanorrobôs que atuam no interior de células animais, entre outras tecnologias híbridas (GALHARDO, 2018).

Em vista da discussão acima, esta pesquisa pretende investigar, na contemporaneidade, como ocorrem os processos de subjetivação de corpos enquanto ficções de realidade, na medida em que as elaborações distópicas das mídias não mais se dissociam dos acontecimentos científicos atuais. Portanto, ao se guiar especialmente, por Michel Foucault, este artigo visa a indagar a relação do sujeito com a realidade por meio do filme *Blade Runner (2049)*, dirigido por Denis Villeneuve e uma continuação de um clássico de ficção científica da



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

década de 1980. Para tanto, busca-se a articulação do conteúdo fílmico em seu conjunto com a historicidade de dois momentos do filósofo: o arqueológico e o genealógico, com destaque especial às práticas de cuidado de si (representado pelo conceito de heterotopia).

Na arqueologia, uma das preocupações mais caras ao filósofo são as relações estabelecidas entre o sujeito e o saber (PORTOCARRERO, 2009). Os enunciados, que mediam a o caos da imanência com a transcendência da ordem, sustentam todo um conjunto de discursos de uma dada época, os quais podem ser estudados em sua materialidade (ibid.). No filme, a arqueologia nos pode mostrar como a sociedade se estrutura pelos dispositivos reguladores dos saberes que constituem a trama, análise essa que pode ser também empregada para os mais diversos modos de subjetivação nas sociedades contemporâneas.

Em segundo lugar, este artigo perpassará pela relação entre sujeito e poder, o que compreende o momento genealógico do mesmo autor. Neste sentido, as relações de podernão são apenas aquelas práticas de domesticação feitas pelo Estado. São práticas que sedimentam as autoridades nos quotidianos da “vida na casa, no trabalho, nas relações amorosas e sexuais, na pesquisa” e que provocam “resistências, práticas correlatas e múltiplas que podem normalizar existências” (PASSETI, 2005, p. 4). A genealogia se configura como um método atento a uma série de dispositivos e metodologias de esquadramento, ordenamento e regulação do corpo social. Tal perspectiva é muito propícia para análise do filme, na medida em que todo o cenário entre o sujeito e o saber há de ser sustentado por mecanismos políticos que devem ser elucidados.

Por fim, a normalização das existências, a redução das subjetividades a um modo de ser esquadrado e homogêneo provocam naqueles seres ditos rebeldes as atitudes de contra-posicionamentos às disciplinas (ibid.). Sua procura por outros espaços de resignificação de si será fundante de heterotopias anárquicas, espaços em que os sujeitos se redescobrem pelo realçar das suas histórias e pelo afastamento de todas as amarras da civilização que castram seus desejos e suas liberdades e que alimentam seres-marionetes.

Diante disso, este artigo buscará compreender, no filme, os efeitos devastadores dos assujeitamentos das subjetividades às máquinas de saber-

poder, bem como para a importância de se reinventar a estilística da existência: tornar a vida, em sua autenticidade, como uma verdadeira obra de arte a partir do cuidado genuíno de si.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para a construção deste artigo foi de natureza bibliográfica, com vista ao levantamento de referências primárias e secundárias; documental, pois se debruçou sobre fontes ainda não estudadas; e exploratória, já que propôs a fazer uma análise inicial sobre o tema (GIL, 2008). Ainda, a pesquisa esteve sustentada em uma epistemologia qualitativa, que valorizasse os aspectos sociais em torno do ser humano enquanto permanente produtor de pensamento e de sentido (REY, 2010). Deste modo, valorizou-se uma perspectiva plural, com a existência de saberes sem fronteiras e transdisciplinares, perpassando por campos como a psicologia, a comunicação social e a engenharia genética (ibid.).

Mais especificamente, a própria subjetividade tem sido o centro da discussão metodológica, considerando-se que tanto o pesquisador quanto o objeto pesquisado são atravessados pela experiência da pesquisa (NETO, 2017). Ou seja, a própria trajetória de investigação já se constitui como um processo de subjetivação, haja vista de que o sujeito e o objeto não de ser mutuamente transformados (FOUCAULT, 1995).

A relevância desta pesquisa consiste, primeiramente, em sua natureza transdisciplinar entre a psicologia, a comunicação social e a engenharia genética, com o propósito de se desvincular de uma racionalidade puramente lógica para ceder espaço a uma interpretação mais afetiva da realidade, possibilitando uma compreensão fidedigna do ser humano e de suas complexas modalidades de existência. Com isso, pretendeu-se lançar um olhar crítico às mais recentes e rápidas transformações humanas nas últimas décadas, de modo que se possa analisar e refletir quais rumos ético-estéticos seriam viáveis para que o futuro não se reduza somente a uma distopia.

Ainda, esta pesquisa é relevante porque fornece um aprofundamento conceitual e historiográfico necessário para potencializar um maior entendimento das mídias que atuam como agentes de transformação da realidade, o que

permite que se entenda, também, com quais constelações sociais se vinculam as diversas alterações de aspectos psicológicos do ser humano com o advento das tecnologias de informação. Sem dúvidas, esta pesquisa será enriquecedora para a formação de psicólogos mais conscientes de sua atuação político-social.

3. A arqueologia na sociedade dos replicantes

Com um drama dilatado e silencioso, o filme *Blade Runner (2049)* se inicia ao contextualizar que os replicantes são seres biomodificados, inicialmente projetados pela *Tyrell Corporation* para que fossem utilizados como escravos em colônias extraterrestres. Aquela instituição, contudo, viria a falir após várias rebeliões violentas; e o colapso dos ecossistemas nos anos 2020 impulsionou o crescimento das grandes empresas de agricultura sintética, entre elas, a de Niander Wallace, que comprou os restos da *Tyrell* e criou uma nova linhagem de replicantes mais obedientes. Muitos dos modelos antigos, como aqueles da *Linhagem 8s*, possuem vida útil indeterminada e ainda estão vivos, o que não agrada ao sistema. São demasiados rebeldes. Vivem escondidos e disfarçados pois são caçados e aposentados pelos *Blade Runners*.

Um dos caçadores de replicantes se chama K. Ele aparece em seu carro sobrevoando pela cidade: um amplo espaço preenchido com vários círculos concêntricos organizados a partir de torres centrais de poder. Por sobre os campos de agricultura sintética, igualmente, percebe-se um esquadramento do espaço; demarcações de territorialidades traçadas pelos deslizamentos de linhas e contornos.

Em uma dessas plantações, há um replicante-fazendeiro dentro de uma estufa analisando os corpos de algumas larvas que vivem numa piscina d'água. É uma fazenda de proteína do projeto Wallace. Do lado de fora da estufa, ouve a pousada de um carro policial, que seria de K. O aterrissar do veículo levanta um amontoado de poeiras suspensas num quase-deserto: uma árvore, as estufas de vermes e a casa do replicante-fazendeiro estão mergulhados no vazio de um vasto terreno com pouca vida. Um quase não-lugar: esconderijo de um suspeito a ser aposentado. Após aterrissar, um robô-drone ejeta do teto do carro. É um aparelho acessório vigilante que cobrirá os acontecimentos no ambiente; um dispositivo-cão fiel e observador que responde aos comandos de voz do



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

caçador.

Após descer de seu veículo, K. se dirige ao interior da casa do replicante; um espaço aparentemente simples e comum, não muito iluminado, com uma chaleira acesa no fogão. O fazendeiro, por sua vez, sai da estufa e retira sua roupa de proteção semelhante à de um astronauta. Com coragem e sem qualquer resquício de medo, adentra sua casa onde o policial lhe aguardava sentado em uma cadeira da cozinha: “desculpa por ter entrado assim, tomei cuidado para limpar a sujeira dos pés”. Ao que responde o replicante: “não me importo com a sujeira, mas com as visitas inesperadas”.

A conversa inicial consistia em desvendar o mistério do que não parecia óbvio: se o fazendeiro seria de uma linhagem antiga ou não. K. conferiu o número de registro do indivíduo e seu histórico civil: o que ele produz, o quanto tempo estaria residindo naquele local e o que estava preparando para sua refeição. Até que percebeu que na cintura do fazendeiro um estojo de estoque militar, muito adotado entre os modelos antigos. É uma pena que o *Blade Runner* teria que visitá-lo naquele dia: de fato, aquele senhor replicante teria de lutar pela sua sobrevivência.

Pouco antes de dar seu trágico adeus-à-vida, o fazendeiro pergunta ao policial como se sentia ao matar sua própria gente. Ouve em retorno que modelos novos não morrem porque não são fugitivos. E então o replicante-fazendeiro anuncia ao replicante-caçador que jamais vira um milagre. Ao ser finalmente aposentado, um dos seus olhos – evidência da morte da identidade de um outro aberrante – é arrancado para comprovar o fim de sua subjetividade irregular, desvirtuada, imprópria ao sistema. Todavia, mesmo que o fazendeiro tenha abraçado a eternidade da anulação de todos os seus projetos de vida, seu discurso, como outrora será retomado, ainda permanece falante na mente do caçador: um ser projetado para ser imparcial, objetivo, frio, obediente, conformado, comportado, preciso.

K. retorna ao seu carro e liga o monitor para conversar com a sua chefe. De repente, um súbito mistério lhe invade de tal maneira que decide sair novamente do veículo por um momento. Movido por uma espécie de intuição extra-robótica, percebe no chão ao lado da árvore uma única flor e ordena que o seu dispositivo-cão vigilante observasse por trinta metros de profundidade

abaixo do solo, quando lá descobre uma caixa enterrada – um devir-pandora.

Pela década de 1960, no primeiro período de sua obra – o arqueológico –, quando preocupado com a materialidade da existência dos sujeitos situada em meio a saberes historicamente determinados por mecanismos de regulação social, Foucault (1995, p. 25) questiona como pode ocorrer que o ser humano “pense o que ele não pensa, habite o que lhe escapa sob a forma de uma ocupação muda”. Afinal, não se pode dizer que as atitudes de K. sejam totalmente livres por si mesmas na medida em que suas ações visam sempre obedecer às ordens impostas por seus superiores. A morte do replicante-fazendeiro decorre de uma obrigação do caçador para com o sistema, que ordena todos os acontecimentos em prol do suposto bem-estar social. Neste sentido, quando K. assassina o replicante-fazendeiro, fá-lo sobretudo para viver a si mesmo, na medida em que o cumprimento da obrigação de assassinar outro replicante antigo lhe significa continuar a sua vida de replicante atual; noutras palavras, sua identidade se afirma pela anulação da identidade do outro; por outro lado, quando se assassina o outro – replicante –, mata-se também uma parte de si mesmo, pois corrobora para a negação da validade da sua própria existência. De qualquer modo, pode-se então suspeitar que a sua ação não ocorre pura e simplesmente pela determinação de seu intelecto individual, mas por meio de um conjunto de forças externas à sua subjetividade que o atravessam e que o afetam em sua percepção do mundo, em sua vontade e em sua ação (ibid.).

Diante dessa perspectiva, devemos nos atentar que o sujeito em devir não se configura como uma simples entidade fechada em si mesma; tampouco seria o único responsável por criar as predicções do real a partir do seu próprio ponto de vista, como se a linguagem estivesse sob o seu domínio e fosse sua exclusiva criação (ibid.). Muito pelo contrário, o que habita a sua linguagem se dá pela vivência contingencial do sujeito no mundo. As predicções não ocorrem em função de um ego; pois este é também uma entidade gerada por elas nas múltiplas relações estabelecidas entre o saber e o poder. A vida humana é “essa vida cujas redes, cujas pulsações, cuja força encoberta transbordam indefinidamente a experiência” (ibid.).

Em *A ordem do discurso*, Foucault (2009) afirma que o sujeito não é aquele de quem parte o discurso, mas sim o seu próprio desenrolar, a sua



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

estreita lacuna, um ponto de desaparecimento possível. O sujeito é uma voz sem nome que encadeia e prossegue a frase alojando-se nos seus interstícios sem que seja percebido. Entre as subjetividades e suas pulsões desejanças, há toda uma cadeia de produção discursiva que não lhes pertence; “poderes que mal se imaginam: lutas, vitórias, dominações, servidões” (ibid., p. 9). Para o autor, “a produção do discurso, em toda a sociedade, é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (ibid.) que visam a dominar os acontecimentos aleatórios e instaurar a ordem social por meio de uma série de procedimentos de exclusão.

Um desses procedimentos é a interdição, que recai sobre a impossibilidade de se dizer tudo, sobre os tabus do objeto, os rituais de circunstâncias e o direito privilegiado de quem fala. Em *Blade Runner*, existe uma barreira ontológica no sistema social que segrega os humanos ditos naturais dos ditos fabricados, os modelos antigos dos modelos novos. Mais do que isso, as interdições agem no sujeito através de suas regiões mais cerradas: a política e a sexualidade; o poder e o desejo.

Quando K. retorna ao seu apartamento, mostra-nos residir numa região de subúrbio com muitas poluições sonoras e visuais. Seu prédio está com os corredores lotados de pessoas desabrigadas. Vive uma qualidade de vida inversamente proporcional à sua dedicação ao trabalho. E, no momento em que sua esposa aparece, revela-se uma mulher-holograma: um ser emanado da luz projetada por aparelhos instalados no teto. Trata-se de um ser em seu dever imaterial que, no entanto, possui uma existência espacialmente limitada, com liberdade materialmente restrita aos quatro cantos da casa. Sua esposa-produto foi projetada para servir suas vontades; não para transitar pelo mundo. Deve ser ligada e desligada conforme sua disponibilidade.

Podemos perceber acima duas interdições, entre tantas outras. No caso do caçador, para além de sua existência servil e submissa, está interdito de viver o seu desejo sexual e atingir o seu orgasmo na sua mais alta potência, haja vista que se casou com um ser imaterial – não foi projetado para viver a sexualidade em sua materialidade, mas a viver uma fantasia neurótica de família que o ajustasse à civilização. Quanto à sua esposa, não somente vive a impossibilidade da sexualidade e o sonho do amor enquanto possível salvação do sentido da



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

vida, como também está interdita de viver qualquer rastro de liberdade: seu poder e sua vontade estão totalmente restritos e condicionados pelo seu marido. Assim se revela a eficiência de um sistema que mantém o controle social pela repressão da sexualidade dos seus indivíduos, que aceitam viver uma vida submissa com suas liberdades castradas e com seus desejos não-vividos (REICH, 1975).

Todavia, K. presenteia a sua esposa com um emissor no seu aniversário de casamento. É um dispositivo portátil que permite que o holograma possa ser transportado para qualquer lugar junto dele, o que significa que, finalmente, ela poderia sair de casa e conhecer o mundo externo. Sua primeira existência para além das quatro paredes foi no terraço de um prédio em uma noite de chuva. As gotas d'água respingavam sobre seu corpo-de-luz e promoviam uma série de vibrações luminosas. Emocionada, ela se dirige até ele e diz que está muito feliz ao seu lado. Ambos se beijam – holograma e corpo material. De repente, outra interdição: o telefone toca e o corpo dela paralisa. Ele recebe a notícia de que há novas pistas sobre a caixa recém-escavada e que deve retornar à empresa. Ela, que ainda estava paralisada, é simplesmente desligada.

Na empresa, descobriram que a caixa da escavação continha nela armazenada os ossos de uma mulher. As amostras dizem que está há trinta anos enterrada e que fora meticulosamente sepultada, limpa e higienizada. Nos ossos, não há fraturas nem sinal de trauma, exceto uma fissura no íliaco. Parece ser o indício de um canal de parto estreito, o bebê deve ter ficado preso e ela provavelmente morreu ao dar à luz. Diz o caçador que aquele replicante-fazendeiro era um médico de combate, deve ter tentado salvá-la, mas não conseguiu. Um dos seus colegas nega: “ele não parecia do tipo que salva e teve o trabalho de enterrá-la”. A chefe questiona o que deve ter ocorrido com a criança. Então o médico diz que talvez o replicante a tenha comido porque só há terra e minhoca naquela região.

Na cena acima, outro procedimento de exclusão descrito por Foucault pode ser percebido: o da separação e rejeição. Estabelece-se, nas sociedades modernas, uma série de oposições discursivas, como aquela entre a razão e a loucura, o inocente e o criminoso e, no filme, torna-se evidente a separação entre humanos naturais e humanos não-naturais.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

Tanto que toda a análise feita pelos cientistas acerca da ossada não está isenta de parcialidade, muito pelo contrário: as caracterizações científicas perpassaram antes pelos seus preconceitos e pela necessidade de reforçar a inferioridade moral dos seres replicantes, esses seres aberrantes e perigosos que deveriam ser eliminados da sociedade a qualquer custo. Evidentemente, uma questão há de surgir a todo momento na narrativa: existe realmente uma distinção entre humanos naturais e artificiais? Não seria esta barreira, afinal, uma justificativa elaborada para sustentar o sistema de dominação?

Após um tempo de análise, K. encontrou um número de série na ossada: era uma replicante. Um espanto! Pois o fato de uma replicante reproduzir implicaria numa verdadeira dissolução das barreiras entre humano natural e não-natural. Em uma conversa particular dentro de sua sala, a chefe afirma ao caçador que não podem descobrir que houve uma replicante grávida: o mundo é construído sobre um muro que separa tipos e, sem esses lados divididos, haveria uma guerra ou um massacre. Portanto, que o policial deve apagar todos os rastros da existência desta criança nascida de uma replicante. No mínimo, ele fica intrigado – nunca havia aposentado alguém que tivesse nascido. Para ele, nascer significa ter uma alma. Para a chefe, ele não deveria se preocupar com alma alguma porque já estava vivendo muito bem sem uma.

Isto é, o procedimento da separação e rejeição ainda há de ser reforçado por outro: a vontade de verdade, que se estabelece pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade através da arte, da ciência, da política e do aparato jurídico-econômico. A vontade de verdade também está nas coerções discursivas das autoridades; ou em quaisquer vozes absolutas que pronunciem verdades supostamente verdadeiras, mas que carregam consigo um imenso vazio enigmático.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault (1995) sustenta que há um conjunto restrito de ideias fundamentais – chamados enunciados – que coordenam todo pensamento, toda prática e toda fala de uma dada época. Enquanto cadeias discursivas, os enunciados se situam numa região entre a teoria e a experiência; atuam como mediadores na relação da imanência do sujeito com a imanência do mundo. Sendo assim, as matrizes enunciativas tendem a sofrer grandes transformações de tempos em tempos que reconfiguram todo o quadro geral do

saber; e, nos períodos de transição de uma época à outra, há uma superposição de distintas camadas de discursos e de práticas humanas (ibid.).

O trabalho arqueológico consiste em escavar tais camadas discursivas nas mais distintas fontes históricas que se apresentam. Quando Foucault (2002) se debruça sobre o século XVII, por exemplo, percebe que, naquele momento, todo conhecimento é derivado pela comparação entre as coisas a fim de se obter uma universalização representativa do saber. O sujeito deve ser ativo na construção do conhecimento e o objeto, passivo à sua cognição. Para René Descartes, somente a construção de um sistema de “linguagem artificial e de uma ordem convencional dos signos”¹ poderia evitar tantos erros e ilusões em prol de um pensamento seguro (PORTOCARRERO, p. 175).

Por seu turno, na transição do século XVIII ao XIX, a filosofia de Kant coloca o ser humano na condição simultânea de sujeito e objeto e mescla a transcendência com a experiência (ibid.). Deste momento em diante, a humanidade passa a ser assombrada pela sua própria finitude e vê-se sempre a escapar da iminência da morte. Para além do sujeito e do objeto, torna-se necessário pensar alguns entes “quase-transcendentais”: a vida, a linguagem e o trabalho, que correspondem respectivamente ao surgimento da biologia, da filologia e da economia.

Portanto, as espécies deixam de ser caracterizadas em função de sua estrutura visível (cuja classificação se conformaria a um quadro geral de representação), significando o fim da história natural e, em seu lugar, a biologia como disciplina buscaria “pela coerência entre a historicidade [de um sistema vivo] e as teorias das ciências empíricas” (ibid.) tendo do devir enquanto princípio de inteligibilidade do ser².

Ao longo do século vinte, Donna Haraway (1991), em *Simians, Cyborgs and Women* traça uma interessante narrativa das transformações da biologia a partir da

¹ Para Descartes, as grandezas e as multiplicidades contínuas e descontínuas devem ser comparadas entre si e com relação ao todo (que é a soma das partes) em termos de relações aritméticas de igualdade e de desigualdade; e o semelhante deve ser obtido segundo a forma calculável da identidade e da diferença. A ordem, por seu turno, é aquilo que se estabelece entre dois termos A e B sem qualquer referência à unidade



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

exterior. Assim, a comparação por ordem seria simples e pertinente na medida em que se permite passar de um signo a outro dentro do quadro geral do saber (PORTOCARRERO, 2009).

² Um exemplo seria a teoria biológica de Cuvier, que “libertou a subordinação dos caracteres de sua função taxonômica, fazendo-os entrar, além de toda classificação eventual, nos diversos planos de organização dos seres vivos” (ibid., p. 176-177). Neste sentido, o ser vivo seria constituído por um sistema enquanto um conjunto de organizações; a estrutura do órgão estaria submetida à soberania de sua função; e as funções seriam, basicamente, a respiração, a digestão, a circulação e a locomoção. Ao passo que no século XVII havia o predomínio da história natural, preocupada com comparação entre as estruturas visíveis dos seres vivos e a sua inserção dentro de um quadro geral de representação; a partir do fim do século XVIII, emerge a ciência da biologia associada ao conceito de vida como sendo inerente aos seres vivos, e a diversidade das estruturas componentes de um sistema orgânico ocorreria em função de suas unidades funcionais. E “a função, definida por sua forma não perceptível do efeito a ser atingido, vai permitir relacionar, entre si, conjuntos de elementos desprovidos de identidade visível” (ibid., p. 177).



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

primeira guerra mundial. A filósofa afirma que, nas primeiras décadas daquele século, predominava-se uma perspectiva psicobiológica sobre a vida, segundo a qual os organismos individuais devem ser encaixados dentro de um grande superorganismo – a sociedade – conforme a hierarquia de inteligência e de adaptação (ibid.).

No entanto, após a segunda guerra mundial, a biologia deixou de ser uma ciência centrada nos organismos em termos funcionalistas para se tornar uma ciência voltada à compreensão de sistemas biológicos enquanto tecnologias automatizadas a serem descritas em termos cibernéticos. Com isso, a psicobiologia cede lugar, pela década de 1960, à sociobiologia: uma ciência da comunicação cuja lógica de controle está associada ao capitalismo pós-segunda guerra, trazendo os temas da máquina e do mercado como figurinos de constituição da vida (HARAWAY, 1991, p. 58). Neste aspecto, junto com a modificação de organismo para sistema, passou-se também da eugenia à gestão de população, do cuidado pessoal à ergonomia nas organizações, etc. (ibid.). A biologia molecular (ou bioquímica da informação genética) seria como uma ciência linguística, pois oferece atenção “aos signos, à pontuação, à sintaxe, a máquinas de leituras, à informação com fluxo de sentidos, a códons, à transcrição, e assim por diante” com o objetivo de reescrever nossos corpos e mentes (ibid., p. 53).

Em outras palavras, o objetivo social da nova ciência era controlar a massa através de sofisticados sistemas de informação (ibid.). Trata-se de uma nova característica das ciências aos moldes da pesquisa operacional militar, com esforços para desenvolver dispositivos de radar e acompanhar um certo inimigo, por exemplo, por meio da estatística com a simulação e a previsão de eventos importantes (ibid., p. 58). O aprimoramento das indústrias eletrônicas e das tecnologias das comunicações foi explosivo e não deixou de estar a serviço do planejamento social. Haraway afirma que nenhuma ciência natural ou humana deixou de ser afetada por tais transformações teórico-técnicas (ibid., p. 59).



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

4. A genealogia da exploração

A perspectiva de Donna Haraway deriva da perspectiva genealógica de Michel Foucault (1986). Em *Microfísica do poder*, este autor argumenta que as redes de dispositivos e seus mecanismos se espalham por toda a estrutura social, constituindo um biopoder que opera em cadeias e em constantes movimentos. Dessa maneira, as dinâmicas de poder não ocorrem somente de forma repressiva, mas também operam por jogos de saber e verdade que definem como os objetos devem aparecer e serem percebidos tanto pela comunidade científica quanto pelas pessoas comuns. Também, em *Vigiar e Punir* (1987), o autor argumenta que os mais diversos aparatos móveis de informação e de computação cumprem um papel elaborado de tecer novas “tecnologias de si” na medida em que a subjetividade sempre se compõe em meio a um tecido social amparado em modos sutis de modelação dos corpos e das mentes, os quais se legitimam pelos discursos da episteme e das mídias.

Na perspectiva genealógica, os saberes devem ser analisados como peças de relações de poder ou enquanto um dispositivo político (PORTOCARRERO, 2009). Ao se analisar as relações de forças, será possível perceber o poder disciplinar e o biopoder, cujas funcionalidades visam a manter um crescente ordenamento em todas as esferas sociais sob o pretexto do bem-estar da população. Assim, a genealogia mostra “a relação entre os saberes e as estratégias dos mecanismos econômicos políticos de nossa sociedade, através do estabelecimento da especificidade e do caráter concreto das relações de poder” (ibid, p. 195).

E o poder não opera como posse do Estado e das ideologias que o acompanham: “a história genealógica dirige-se para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos” (ibid.). O poder possui uma “eficácia estratégica, produtiva, que precisa ser estudada” (ibid.). Sua análise implica em desvendar as múltiplas forças que atravessam a nossa vida social. Não se trata de saber o que ele é, mas como ele se exerce. Todas as sociedades são atravessadas pela existência de micropoderes que possuem tecnologia e história próprias. Não há simplesmente um binômio simplificador de



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

dominantes/dominados, mas há múltiplos mecanismos locais de poder que produzem o indivíduo e a população através de tecnologias de normalização e de sujeição pela força das disciplinas, essas que visam assegurar a ordenação das multiplicidades humanas.

As estratégias de poder pretendem que ele tenha o menor custo possível economicamente, ao mesmo tempo que “corresponda ao máximo de intensidade possível, bem como para fazer crescer a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema” (ibid.). A construção do grande livro do Homem-máquina teve dois registros: a anatomo-metafísica iniciada por Descartes e a técnico-política sustentada pelos “regulamentos militares, escolares, hospitalares e processos empíricos que visam a controlar ou corrigir as operações do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 117).

Como decorrência disso, surge nas sociedades disciplinares a anatomopolítica do detalhe, voltada a fustigar, a desarticular e a recompor o corpo humano para decifrá-lo minuciosamente. E o exame é aquele olhar que normaliza; que “impõe o princípio de visibilidade através da qual os indivíduos são diferenciados e sancionados” (PORTOCARRERO, 2009, p. 141-163.). Não é acidental que o examinar seja tão frequente nas escolas, nos hospitais, nas clínicas, nas prisões, e no filme: o policial semprezinha de se submeter a um teste rigoroso que avaliava seus parâmetros comportamentais e sua conformidade com o sistema. Qualquer desvio seria um risco à própria vida, afinal, o exame “manifesta a sujeição daqueles que são percebidos como objetos e, ao mesmo tempo, a objetivação daqueles que são assujeitados” (ibid.).

Na sociedade moderna, surgem os espaços analíticos que se dividem em infinitas parcelas para que todos os corpos e todos os elementos estejam nele organizados. Nesses espaços, as escrituras disciplinares criam arquivos “que permitem classificar, formar categorias, estabelecer médias e fixar normas” por meio do “registro, da organização em série e da organização de campos comparativos”, o que favorece a imposição de uma hierarquia de poder (ibid.). Por exemplo, quando K. precisa encontrar os rastros que levam até a criança para então apagá-los, sob a ordem da sua chefe, começa sua investigação por ir a um banco de dados de números de série (que classificam os replicantes). Ou seja, entra em um autêntico espaço analítico: tratava-se de uma sala toda

compartimentalizada em vários blocos, cada um deles com um conjunto de números de séries.

Os espaços analíticos são fundamentais para a disciplina pois, como diz Foucault(1989), em *Vigiar e punir*, pretendem transformar multidões confusas em multiplicidades ordenadas. Ela atinge o corpo do indivíduo pelo controle do espaço e pelo esquadramento do tempo, ajustando os corpos à exatidão, à regularidade e à aplicação. Pode-se exercer, desta maneira, um controle interrupto sobre a população, sobre a própria vigilância e sobre qualquer coisa que possa ser incômoda. Busca-se um tempo útil – “um tempo medido e pago deve ser um tempo bom e bem calculado” (ibid.).

E todas as séries de intervenções e controles reguladores do corpo social constituem a biopolítica da população, com a função de multiplicar a vida social e mantê-la em ordem. Em uma sociedade biopolítica, tornam-se fundamentais as mais diversas tecnologias que atuam sobre os corpos, as moradias, as escolas, as prisões, os hospitais, as igrejas e todos os outros espaços de existência.

Evidentemente, não deixa de ser uma tecnologia o sexo enquanto uma disputa política, articulado entre as disciplinas do corpo e a regulação das populações. O sexo é alvo de vigilâncias infinitesimais, de exames médicos e psicológicos. Não é à toa que Sr. Wallace, o grande empresário dos replicantes, em seu delírio de grandeza, pretende tanto descobrir o segredo por trás dos replicantes que possuem capacidade reprodutiva. Assim podem se multiplicar indefinidamente e, sob o domínio de sua empresa, conjurar novos territórios nas galáxias.

Para Sr. Wallace, todo o salto da humanidade somente foi possível pelo uso de mão-de-obra escrava. Em uma das cenas mais emblemáticas do filme, o empresário se encontra em sua sala diante de uma replicante adulta recém-nascida: seu corpo é ejetado de um plástico embrionário, todo recoberto do líquido do parto cibernético, contorcendo-se sobre o chão. Ela expressa o caos interior do ato da criação e a mais alta introspecção do desespero; encontra-se estremecida pelo seu contato com a realidade. Diz ele que o primeiro sentimento quando nascemos é o medo e, antes mesmo de saber quem nós somos, tendemos a perdê-lo. Uma multiplicidade de robôs sobrevoa em volta da replicante: são os robôs-observadores plugados por um aparelho no cérebro do

empresário. Seus olhos naturais já não existem mais; sua construção sobre a realidade se entrelaça com os vários ângulos robóticos que se dinamizam pelo espaço.

Em sua megalomania, Sr. Wallace afirma que já foram feitos muitos anjos maus, mas que agora faz anjos bons. Por isso possui nove mundos novos: uma criança pode contar até nove nos dedos. Ele e sua empresa deveriam ser donos das estrelas! Diz que somente não o são porque há um espaço infértil, vazio e salgado; este espaço morto entre as estrelas: o útero da replicante, que não reproduz e faz que suas produções sejam limitadas. Criar mulheres reprodutivas é o que lhe falta para alcançar o paraíso. Em seguida, saca uma faca e perfura a replicante em seu útero. Ela cai morta no chão com o seu sangue jorrado.

5. As heterotopias e a sua reinvenção de novos modos de vida

De acordo com Michel Foucault (2001), em “Outros espaços”, pensar o posicionamento humano envolve analisar “que relações de vizinhança, que tipos de estocagem, de circulação, de localização, de classificação dos elementos humanos devem ser mantidos de preferência em tal ou tal situação para chegar a tal ou a tal fim” (ibid., p.411-422). Há muitas oposições em nossas vidas nas quais não podemos tocar, por exemplo, aquelas entre o espaço público e o espaço privado; o familiar e o social; o cultural e o útil; o de lazer e o de trabalho (ibid.).

Para o autor, o espaço em que vivemos não é homogêneo, mas inteiramente carregado de qualidade. Mesmo o espaço de nossa percepção, de nossos devaneios e de nossas paixões possuem qualidades intrínsecas, ora como um espaço leve e transparente, ora como um espaço obscuro e embaraçado. Porém, o espaço exterior também é importante, “no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história” (ibid.). Assim, há duas maneiras de posicionamento espacial: as que se configuram nas relações entre duas ou mais coisas e aquelas que tratam do que um espaço tem com relação a todos os outros.

Foucault (2001) distingue as utopias, posicionamentos sem lugar real, aliás, que mantêm uma relação geral de analogia direta ou inversa com o espaço real da sociedade, das heterotopias: lugares que são absolutamente distintos de



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

todos os outros que refleteme dos quais falam (ibid.). Ainda, entre a utopia e as heterotopias, poderia ser encontrada uma experiência mista, mediana: o espelho.

Para melhor se compreender o conceito de heterotopia, Michel Foucault elaborou cinco princípios: (a) toda cultura deve ser constituída de heterotopias, por mais distintas e variadas que seja; (b) cada heterotopia possui um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade; (c) ela pode justapor vários espaços em um só lugar real, por exemplo, a sala de cinema ou o jardim; (d) as heterotopias estão frequentemente associadas às heterocronias, ou melhor, distintas modalidades de tempo: o cemitério, que representa o espaço de perda da vida, tem o tempo da quase-eternidade; os museus e as bibliotecas são espaços onde o tempo sempre se acumula; (e) “as heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis” (ibid.).

Na heterotopia de desvio se situam os sujeitos “cujo comportamento se desvia em relação à média ou a norma exigida; são as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões” (ibid.). O *Blade Runner*, tão servil, submisso, obediente se torna um desses seres em devir que, num certo momento, começa não se sentir mais pertencente ao sistema; lança-se ao desvio das normas e começa a percorrer uma trajetória heterotópica por natureza. A quebra da posição subalterna do caçador diante do sistema ocorre quando encontra indícios, em suas investigações, que conectam a criança desaparecida com ele mesmo, de tal maneira que ele passa a se perceber como sendo também um objeto da sua própria investigação.

Quando K. retorna à casa daquele replicante-fazendeiro que abraçou a eternidade da sua morte, descobre uma outra caixa escondida dentro de um piano. Era uma caixa de metal em que havia a foto de uma mulher com um recém-nascido ao lado de uma árvore: aquela que ficava do lado de fora da casa do fazendeiro. O caçador se dirige novamente até a árvore e nela encontra a data do seu aniversário (10/06/2021), a mesma data que estava gravada nas patas de seu cavalo de brinquedo feito de madeira d’árvore (uma joia rara naquele planeta).

Evidentemente que tal coincidência surpreendeu a intuição extra-robótica



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

do caçador, pois ele tinha uma lembrança muito marcante em sua infância em que vivia num orfanato e teve que esconder seu brinquedo-cavalo de outros meninos em uma caldeira escura. Mas K. nunca soube se suas memórias seriam reais, por mais detalhadas que fossem, afinal, ele supostamente não teve infância por ser um replicante. Estas lembranças foram suficientes para fazer ressoar ainda mais forte aquela fala do fazendeiro que permanece em sua mente: como ele se sentia ao matar a própria gente?

Numa sala de banco de dados, K. analisa o código genético desta criança que ele procura: percebe ser um código duplicado: há um menino e uma menina com o mesmo DNA. Teria sido isso feito para dificultar ainda mais o encontrar desta criança? Então o caçador se dirige até o orfanato onde supostamente cresceu – um local que, na verdade, seria zona de exploração infantil – e encontra, de fato, o cavalo de madeira que estava armazenado na caldeira escura há quase trinta anos. Então as memórias não foram fabricadas? São memórias reais? O caçador teve mesmo uma infância?

Para sua esposa-holograma, ele sempre foi alguém especial. Não seria simplesmente uma pessoa fabricada: ele teria nascido, possui uma alma, é muito mais próximo da humanidade. Por sua vez, ela própria não se considerava como um ser real: sua imaterialidade implicaria numa quase-inexistência; não sabe o que é vida nem o que é corpo. Ao mesmo tempo, ela pode se transformar em quaisquer personagens que ele quiser: uma mulher dos anos 1960, uma rebelde apaixonada por literatura ou uma dançarina excelente; sua experiência de identidade torna-se fluida no desvio da diferenciação de si dentro daquele muito restrito espaço de liberdade.

De qualquer modo, quando as evidências exteriores começam a despertar, no seu espaço interior, um emaranhado de emoções e de questionamentos, K. já não mais se resigna ao sistema. A sua investigação já não mais procede dentro dos moldes da imparcialidade, pois se torna motivada pela sua própria história de vida e suas questões pessoais, o que é muito ameaçador ao sistema. Aliás, no seu próximo teste de parâmetro, estava muito longe do padrão. Não se mostrava mais um sujeito passivo, frio, preciso, objetivo. Já se tornara alguém tomado pelos seus desejos. Eis uma heterotopia de desvio: de um sujeito no seu caminho de se tornar aberrante; aquele que se conforma

com a iminência do seu encontro com a morte para, enfim, ter a mínima possibilidade de viver uma vida autêntica.

A fim de saber mais sobre a autenticidade de suas memórias, K. se encaminha até a uma artista responsável por criar as recordações dos replicantes. Há um vidro que os separa. É uma cientista que possui seu sistema imunológico comprometido, por isso, deve viver obrigatoriamente a sua vida dentro de uma jaula. Sem qualquer liberdade, sua imaginação se tornou muito vívida, o que a torna uma excelente desenhista de lembranças. Seu mundo é necessariamente projetado; não é o mesmo mundo social.

Sobre as memórias, Dra. Sterling explica a K. que a lembrança autêntica não é rica em detalhes, mas abundante em emoções. Não armazenamos o que vimos, mas o que sentimos. Qualquer coisa real deve ser uma confusão. Então ela pede que K. se sente na frente de um aparelho para ela analisar suas lembranças e aferir sua veracidade. Ela fica emocionada, chora enquanto vê as memórias dele. Sim, diz ela que realmente alguém viveu isso, que aconteceu. Confirma-se, então, aquilo que ele desconfiava: “Eu sei que é real”, diz ele. “Droga! Inferno!”. Então joga a cadeira contra a parede e sai da sala.

O espaço em que vive a artista é uma heterotopia daquelas “que parecem puras e simples aberturas, mas que, em geral, escondem curiosas exclusões” (p. 420); são aqueles lugares que todos podem ter a convicção de entrar, mas que, pelo simples fato de entrar, já há uma exclusão. Afinal, K. pode se aproximar do espaço em que ela vive – totalmente alheio à civilização – mas jamais será incluído nele próprio. Ademais, como se descobriam mais tardiamente no filme, ela seria a verdadeira criança a ser encontrada e ele, por sua vez, ele seria a cópia. Ou seja, o lugar mais evidente da cientista é, ao mesmo tempo, seu lugar de esconderijo, muito característicos dessas heterotopias, nas quais as subjetividades se encontram “ao mesmo tempo abrigadas e absolutamente escondidas” (ibid.).

Finalmente, é muito importante salientar que as heterotopias possuem uma importante função em relação a todo o espaço restante: ou criam um espaço ilusório “que denunciam como mais ilusório ainda qualquer espaço real”; ou criam “um outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arrumado quanto o nosso é desorganizado, maldisposto e confuso”, sendo assim um espaço de compensação, maneira pela qual funcionaram certas colônias (ibid.).

Um espaço de compensação seria aquele em que vive Deckard, o próximo ponto de parada de K. Um espaço muito afastado da civilização. Um lugar amarelo pelo transbordar da radioatividade do trítio. Há de se questionar se existe mesmo vida naquele ambiente: mas o caçador encontra uma abelha. Ele caminha por entre estátuas monumentais, encobertas pela toxicidade das neblinas. Descobre uma cultura de abelhas, muito possivelmente cuidada por uma vida humana. E decide entrar num prédio todo vazio. Sobe alguns andares, encontra um piano e o toca. Um cachorro aparece. Por detrás de K., com uma arma apontada, Deckard lhe pergunta se, por acaso, não havia trazido queijo consigo.

Ambos lutam até que o velho *Blade Runner* se convence de que o jovem caçador apenas quer informações. Deckard explica teve a necessidade de se afastar de quem mais amava, a sua filha, para que ela pudesse sobreviver. Ele estava sendo caçado e precisou escondê-la a qualquer custo, o que desencadeou toda a trama. Noutras palavras, para compensar a possível morte da filha, Deckard assumiu sua vivência num lugar totalmente heterotópico, radioativo, feito como esconderijo natural, sendo recheado das ilusões proporcionadas pelas garrafas de uísque e sendo acompanhado por um cachorro que se crê ser real.

Isto é, no próprio sistema em que ele estava inserido, K. encontrou as pistas que o guiou para os mais distintos espaços heterotópicos que o desvirtuariam tanto com relação à civilização quanto de si mesmo, de tal modo que sua subjetividade e seu sentido ético foram totalmente ressignificados. K. já não era mais o mesmo. Qualquer propósito de subserviência fora abandonado para se morrer pela causa certa, pois esta seria a coisa mais humana a se fazer.

6. Conclusão

A disseminação das economias de fluxos eletrônicos ao fim do século XX promoveram o retorno dos piratas: estes seres ilegais que, sobre a profundidade do mar, agiam como nômades de tráfegos de mercadorias, de sonhos e de ilusões (PASSETTI, 2005). Estes que habitavam espaços desconhecidos para abalar os sedentarismos da vida,

deslocando-se por aventuras heterotópicas, por outros espaços alucinados e alucinantes, muito distantes deste tédio moral da nossa civilização que nos assujeita como seres objetificados.

Ao atuarem nos fluxos que atravessam outros espaços, os replicantes libertados de sua subserviência se contra-posicionam à polícia digitalizada, aos domínios de imagens por satélites, aos rastreadores, aos agentes de segurança computacional (ibid.). Sua busca de libertação envolve a exploração do desconhecido pela prática da resistência, e resistência é contra-poder. Assim fundam, como cyber-piratas, heterotopias que recusam à participação de uma falsa democracia. São as heterotopias anárquicas, preocupadas em problematizar os nossos estados atuais de existência e romper com os espaços e as temporalidades tradicionais (ibid.).

Para essas heterotopias, espera-se que algum dia a sociedade possa, enfim, substituir o Estado, com o esmagamento das propriedades privadas, dos dogmatismos religiosos, da educação escolarizada, da instituição do casamento, das histórias de castigos e de medos (ibid.). A heterotopia anárquica não deixa de ser uma utopia: este espelho que um replicante pode ter de si mesmo para compreender a qual lugar pertence. Por fim, os anarquistas são guerreiros que superam itinerários para inventar percursos, sem lugares certos; são aqueles que prezam pelo cuidado de si como uma prática coextensiva a vida; que zelam pelo seu devir-sujeito ao longo de toda sua existência; que se voltam para uma conversão a si, um retorno a si para se lançarem a uma grande navegação. Pois “navegar implica arte” (ibid., p. 11). E “governar a si mesmo é inventar percursos, espaços de experimentações, de expansão da vida” (ibid.).

7. Referências

AZAMBUJA, P.; PERRI, C. Filosofia e distopia seriadas: sobre Black Mirror e suas relações entre humanos e técnicas. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, ed. 1, p. 42-57, 4 jul. 2018.

BLADE RUNNER 2049. Direção: Denis Villeneuve. Produção: Warner Bros. Entertainment, Alcon Entertainment, Columbia Pictures, Scott Free Productions, Stereo D, Thunderbird Films, Torridon Films. Estados Unidos, 2017. 164 min.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: Manoel B. da Motta (Org). Michel Foucault. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos III, Tradução de Inês A. D. Barbosa, Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Editora, 2001, p. 411-422.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France, 1977-1978. São Paulo: Martins Fontes: 2008

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALHARDO, G. **A modernidade falhou: como as tecnologias genéticas reconfiguram as ideias de humano e ciborgue**. 2018. Relatório final de iniciação científica (bacharelado em bioquímica) - Graduação, Maringá, 2018.

GIL, A. C. **Métodos de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. In: KUNZRU, H.; HARAWAY, D.; SILVA, T. T. (Org.). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARAWAY, D. **Simians, cyborgs, and women**. The reinvention of nature. Nova York: Routledge, 1991.

NETO, J. L. F. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. **Rev. Polis e psique**, [s. l.], v. 7, ed. 3, p. 7-25, 9 nov. 2017.

NETO, J. L. F. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. **Rev. Polis e psique**, [s. l.], v. 7, ed. 3, p. 7-25, 9 nov. 2017.

PASSETTI, Edson. **Foucault libertário – heterotopia, anarquismo e pirataria**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: <c. Acesso em: 07 out. 2017.

PORTOCARRERO, V. **Ciências da vida: de Canguilhem a Foucault**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2009.

REICH, W. **A função do orgasmo**. 9ª ed. Tradução de Maria Glória Novak. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.



REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.